

Têrça-feira, 22 de Julho de 1958

RUBEM BRAGA

PINTURA

ESTOU sôzinho em casa, por preguiça e prazer. Leio um livro; depois me canso e começo a ler outro. Mas tenho uma hora inteira em minha frente. Vou até a vitrola, começo a escolher um disco, dos pouquíssimos que tenho; mas reparo que não é isso que estou querendo.

Abro um álbum de reproduções de quadros. Vou folheando devagar, bem devagar, reparando aqui e ali coisas que não tinha reparado antes: volumes que se compensam, linhas que se correspondem, côres... Fico a imaginar o que o pintor pensava ou sentia ao começar o quadro; o motivo que o guiou na escolha de uma figura, e como éle conseguiu criar essa atmosfera com meios tão simples; procuro o motivo além do assunto, o enrêdo íntimo, o sentimento pessoal que éle deu ao tema, o que éle conta de si mesmo nesse quadro.

Abstrao os detalhes da fatura e me deixo ver o quadro como se o visse pela primeira vez, renovo em mim essa impressão primeira sem indagar se ela vem do claro-escuro ou do jôgo das côres, se do arabesco do desenho ou do espaço criado pela perspectiva, do modelado ou da composição. Deixo-me ver o quadro com inocência, recebo a sua revelação virgem como se fôsse a face de uma bela desconhecida, que apenas achamos digna e triste, ou leve e tímida, sem sequer poder dizer a forma de seu nariz ou a côr de seus cabelos.

E de repente compreendo que minha música interior, não a recebo pelo ouvido, impreciso e deseducado, mas pela visão das linhas e das côres. É de ver pintura e desenho que tenho saudade e fome, quando o jôgo da vida me cansa; é a pintura que me apazigua e me faz sonhar. Sou, entretanto, um viciado quase grosseiro, e me culpo de não ter nunca afinado melhor essa regular sensibilidade que nasceu comigo. Apenas sei que de algum modo já aprendi um pouco a ver, pois me espanto com o gôsto rudimentar de algum amigo menos interessado em pintura. Mas quando leio uma página de Venturi, por exemplo, sôbre algum quadro que conheço e amo, sinto-me invejoso e humilde, porque vejo que éle sabe amá-lo melhor do que eu. Exatamente como se éle tivesse notado um detalhe lindo da mulher que eu amo, um detalhe que eu nunca tivesse reparado. A boa crítica de arte o que é senão um ato de amor?

E de repente tenho pena de tantos pintores que se agarram a teorias e escolas, do concretista apaixonado ou apenas acompanhador da moda que se proíbe a delícia que lhe poderia causar uma figura ou uma paisagem, do neo-realista para quem fica sendo um pecado gostar de uma composição abstrata — de todos os que amputam, por causa de teorias de momento, de paixões estranhas à arte, a própria sensibilidade, e limitam sua alegria íntima nesse mundo maravilhoso da pintura. Mundo maravilhoso do qual sempre voltamos com um respeito maior pela dignidade e liberdade humana, um respeito sagrado por essa pobre coisa — o indivíduo, o indivíduo que permanece fiel a si mesmo e procura contar sua tristeza, sua maravilha ou sua ânsia de infinito.

DN
maio, 68